

Museus, História e interdisciplinaridade

Manuelina Maria Duarte Cândido

Historiadora, especialista em Museologia, mestre em Arqueologia

Universidade Federal de Goiás

Resumo:

Este artigo é baseado no texto “Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador”, apresentado no Simpósio Temático História e Ética na Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil, no XXV Simpósio da ANPUH. Nele tratamos dos museus enquanto instituições que preservam referências patrimoniais e, por meio delas, propõem reflexões amplas sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades, por isso se vinculam necessariamente ao conhecimento interdisciplinar. Buscamos aqui aprofundar a reflexão sobre limites e afinidades entre História e Museologia e o trabalho interdisciplinar em museus.

Palavras-chave:

Museus, conhecimento interdisciplinar, Museologia

Keywords:

Museums, interdisciplinary knowledge, Museology

Museus, História e interdisciplinaridade

Este artigo é baseado no texto “Museus como espaço de interdisciplinaridade e o ofício do historiador”, que apresenta a reflexão original da comunicação apresentada no Simpósio Temático História e Ética na Preservação do Patrimônio Cultural no Brasil, no XXV Simpósio Nacional de História (ANPUH) em Fortaleza, em julho de 2009. Ao rerepresentá-la para a nova publicação buscamos ampliar o trabalho, incorporando idéias surgidas entre o envio daquele primeiro texto e a apresentação, e também sugestões do simpósio.

O Simpósio Internacional do ICOFOM (Comitê Internacional para a Museologia do ICOM – Conselho Internacional de Museus) de 2006 realizado em Córdoba, na Argentina, teve como tema “Museologia – um campo de conhecimento: Museologia e História”. Em seu texto de provocação, Martin Schaerer declarava que:

“Se podría afirmar, con cierta ligereza, que sólo hay museos históricos. Si definimos el presente como un período de tiempo extremadamente corto, los museos sólo pueden mostrar el pasado con objetos de tiempos anteriores. Incluso una exposición que trate el futuro desarrollo urbano, sólo puede ser representada utilizando ideas y modelos del ayer.” (SCHAERER, 2006: 39)

De fato, mesmo pensando nas três grandes categorias de museus, quais sejam os de história, os de arte e os de ciência, é inegável a participação da história em cada um deles, visto que em maior ou menor grau dos de ciência e de arte também se apóiam em (ou contribuem para) conhecimentos oriundos da história da ciência ou da história da arte. Aí não cabe uma afirmação do tipo ‘tudo é História’, mas a idéia de que a existência e a produção humana sempre podem ser vistas sob uma perspectiva histórica, e a consciência de que os museus, como parte delas, são fenômenos que possuem historicidade e podem ser objetos deste tipo de estudo.

A bibliografia sobre história dos museus apresenta a divisão tipológica como consequência da especialização dos museus originalmente ecléticos. Falam-se então de museus de arte, de ciências ou de história, nos quais se enquadrariam subclasses como os museus antropológicos ou de cultura popular, entre outros. Se “*a historicidade reside [na] dependência das ações e experiências presentes e das ações e experiências passadas.*” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007: 60), é evidente que a idéia de herança, tão cara aos museus, é plena de historicidade, seja esse museu um espaço mais voltado à relação da

sociedade com sua herança histórica, artística ou científica. A divisão ainda usada contemporaneamente para fins didáticos, não representa uma negação das interfaces destas tipologias, atestadas por possíveis abordagens da história da arte, da história da ciência, ou da compreensão da produção do conhecimento histórico como fazer científico, entre outras:

“Toda ciência, tomada isoladamente, não significa senão um fragmento do universal movimento rumo ao conhecimento. (...) para melhor entender e apreciar seus procedimentos de investigação, mesmo aparentemente os mais específicos, seria indispensável [saber] associá-los (...).” (BLOCH, 2001: 50)

Tomando a História como a “*ciência dos homens no tempo*” (idem: 54), compreendemos que esteja sempre presente em todos os museus, pois seja qual for sua natureza, como afirmou Schaerer, apresenta sempre idéias do passado, mesmo quando for o mais recente. As referências patrimoniais aí reunidas, mesmo que por outros critérios (artísticos, científicos), são historicamente produzidas e se encontram inseridas em uma temporalidade que transcorrerá durante toda existência do objeto no museu, criando novos sentidos e significados. Isto atesta a inegável relação entre museus e história das mentalidades e a importância de seu estudo pela perspectiva histórica (BRUNO e OLIVEIRA, 2005: 313).

Pensar a historicidade não somente da nossa herança, mas das idéias e mentalidades envolvidas nos processos de musealização é um papel irrefutável do historiador dentro dos museus:

“Reunidos nos museus, os objetos acabam se transformando numa espécie de resumo da sociedade onde se encontram instaladas essas instituições. Resumindo também as qualidades e defeitos dessa mesma sociedade, os museus acabam aparecendo como grandes documentos, cujo discurso é escrito pelos objetos que acumula. E, como todo museu é um pouco um museu de história, é possível acompanhar essa sociedade no tempo.” (BITTENCOURT, 2009)

Os estudos de cultura material, portanto, têm uma vinculação intrínseca com aspectos intangíveis, afinal, todo patrimônio é também imaterial no sentido de que algo só passa a ser patrimônio quando lhe são atribuídos sentidos, significados simbólicos:

“Isto significa conferir à cultura material um sentido para além de seu enfoque estritamente vinculado ao universo tangível, situando-a como suporte concreto da produção e reprodução da vida social.” (JULIÃO, 2006: 96)

Vem de longe o interesse pelos museus como objetos de estudo por historiadores e felizmente esta experiência de dissemina e fortalece por todo o Brasil, podendo ser citados apenas a título de ilustração, mas longe de esgotar este universo, Zita Possamai (RS), Aline Montenegro Magalhães, José Neves Bittencourt e Manoel Luiz Salgado (RJ), Heloísa Barbuy, Vânia Carvalho e Solange Ferraz de Lima (SP), Régis Lopes Ramos, Cristina Rodrigues Holanda, Ana Amélia Rodrigues de Oliveira e Carolina Ruoso (CE), Lana Mara de Castro Siman, Letícia Julião e Junia Sales Pereira (MG); isto sem mencionar aqueles que ‘migraram’ da História para a Museologia e hoje produzem nesta área, ajudando a fortalecer a Museologia, ciência em construção, como Cristina Bruno, Maurício Cândido e Adriana Mortara (SP), Suely Cerávolo (BA), Nórís Mara Pacheco Leal (RS), esta autora, entre outros. Não é pertinente neste texto, mas igualmente poderiam ser mapeados profissionais de inúmeras outras áreas que abraçaram a Museologia e produzem hoje a partir de e para ela.

Porém, qual é a especificidade da Museologia dentro dos museus, especialmente os de História? Ao falar de sua formação profissional, Vinos Sofka destacou, no percurso para chegar a ser museólogo, o senso sistemático e aptidões interdisciplinares de advogado, métodos gerenciais de administrador, habilidades manuais de pedreiro e sabedoria de pessoa comum (SOFKA, 1995 apud CERÁVOLO, 2004: 249). Esta informação nos leva a pensar o que faz desse campo atraente aos olhos de arquitetos, historiadores, arqueólogos, biólogos, bibliotecários, médicos, engenheiros. Mas também o que diferencia da História este campo com tantas áreas de contato.

Segundo Bruno (1996), a Museologia é uma disciplina aplicada cujas preocupações principais são a identificação e análise do comportamento do homem em relação ao seu patrimônio; e o desenvolvimento de processos que convertam o patrimônio em herança e participem da construção das identidades. A especificidade da Museologia é o estudo do fato museal, conceituado por Rússio como “*a relação profunda entre o homem, sujeito conhecedor, e o objeto que é parte da realidade à qual o homem pertence e sobre a qual ele age*” (RÚSSIO, apud SANTOS, 1996: 92).

Como disciplina aplicada, podemos destacar dois aspectos: por um lado o viés de aplicação não prescinde da teoria, mas também impõe a necessidade da experimentação para elaboração e revisão do pensamento teórico. Por outro, aplicando-se à comunicação do saber produzido em outras áreas do conhecimento, a Museologia compreende a impossibilidade de se desenvolver em um percurso solitário, visto que seus métodos e técnicas (e conseqüentemente a teorização) estão intimamente ligados à natureza dos acervos ou das

referências patrimoniais, não são pura abstração. E necessitam, por isso, dialogar com os diferentes campos disciplinares, denominados anteriormente como áreas de pesquisa básica.

“A medida que nos adentramos en la reflexión sobre la museología nos vamos dando cuenta de que necesitamos ampliar nuestros conocimientos sobre la estructura semiótico-discursiva en la que se fundamentan nuestras sociedades posmodernas, porque solamente así podremos dar respuestas a los nuevos retos que éstas nos plantean. Esto supone para la museología un esfuerzo de conceptualización que ha de llevarla a sobrepasar el interés centrado en los objetos para fijarse con mayor detenimiento en las exposiciones temáticas donde lo que menos importa es el objeto auténtico y lo que más preocupa son las ideas que se pretenden presentar.” (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ, 2006: 325)

Por esta razão independente do modelo museológico, de uma instituição museológica ser mais ou menos tradicional, ela sempre deverá ter o amparo interdisciplinar, embora haja disciplinas mais reforçadas em diferentes perfis institucionais, como vimos. Os museus devem manter um diálogo atualizado com a produção do conhecimento e nas diferentes áreas com o pensamento contemporâneo. É aqui que os museus se encontram com os estudos de cultura material e com todos os estudos desenvolvidos a partir das coisas, dos objetos, e da existência de coleções. Os museus são instituições que preservam referências patrimoniais e, por meio delas, propõem reflexões amplas sobre o homem, seu meio ambiente e suas atividades, por isso se vinculam necessariamente ao conhecimento interdisciplinar, produzido em várias áreas. Hernández-Hernández (2006, 331) afirma que o discurso museológico deve ser aberto, plural, diversificado, multilíngüe e multifacetado como é a experiência das diferentes sociedades que formam a História da humanidade.

É isso que faz do universo museal o lugar de diálogo da Museologia com as chamadas áreas básicas, que lançam olhares sobre a cultura material. Assim, museus de arqueologia, de história, de antropologia e de astronomia, por exemplo, precisarão respectivamente de pesquisadores das áreas de Arqueologia, História, Antropologia e Astronomia. Enquanto a Museologia se ocupa da pesquisa, da investigação, sobre a passagem dos bens à categoria de herança, tanto interpretando como propondo e aplicando métodos técnico-científicos para qualificar essa passagem e também refletindo sobre o abandono e as exclusões (BRUNO e OLIVEIRA, 2005: 317), é das áreas afins às tipologias de acervos dos museus que virá a pesquisa de conteúdo.

Em outras palavras, enquanto as áreas básicas a partir de diversos olhares estudam e interpretam as coisas, a Museologia se ocuparia do “destino das coisas” (BRUNO, 2009: 16), o que não quer dizer abandonar o viés social para se ater ao objeto. Ao contrário, significa analisar a relação da sociedade com essas coisas, e a intencionalidade das seleções implícitas à decisão sobre os testemunhos que ficam para o futuro, influenciando também este destino a partir da aplicação de procedimentos técnico-científicos que podem prolongar e expandir o acesso a eles. Ou ainda, se as áreas básicas podem se ocupar do estudo das coisas, a Museologia se ocupa de por que, como e para quem elas perduram no tempo. Finda a pesquisa e a interpretação da área básica, que destino terão as coisas que foram colecionadas no âmbito destes estudos? Desde que não esteja previsto seu descarte, uma área do conhecimento se ocupará destes bens transformados em herança, e esta área é a Museologia.

Waldisa Rússio em seus escritos recomendava a interdisciplinaridade como método de pesquisa, de ação e de formação profissional em museus. Convocava a uma associação dos recursos humanos e à “*reflexão conjunta de muitas inteligências sobre um mesmo projeto*” (RÚSSIO, 1977: 133), postura essa que, em sua análise, não é alimentada pelos modelos de formação em Museologia de então.

A interdisciplinaridade é tida como “*crítica da especialização e recusa de uma ordem institucional dividida*” (PORTELLA *in* CHAGAS, 1994: 47). Percebemos na Museologia um grande potencial de articulação em equipes interdisciplinares, voltada para a comunicação e gestão da informação gerada em outras áreas do conhecimento. Ela tem um forte papel de mediação, entre referência patrimonial e sociedade, entre conhecimento científico e público leigo, e entre os diferentes campos do conhecimento que se articulam no museu.

Devo destacar que isto não significa dizer que a Museologia não produza ela mesma conhecimento novo, mas que este conhecimento deve ter como interesse a mediação de grupos de trabalho interdisciplinares envolvidos em processos de comunicação e gestão de informação proveniente das áreas básicas. Por outro lado, existem caminhos para que mesmo considerando as especificidades da Museologia, seja permitido a profissionais de outras áreas se aproximarem dos instrumentos desenvolvidos pela Museologia para potencializar a administração da memória e a educação para o patrimônio. Esta proposta denominada por Bruno (2006) como pedagogia museológica possibilita o compartilhamento de conhecimentos técnico-metodológicos da Museologia com a comunidade de uma maneira geral, e por que não, dentro da própria comunidade de profissionais de cada instituição.

Os museus são, portanto, um *locus* com grande potencial para experimentação do conhecimento interdisciplinar (tanto de sua construção como de sua fruição).

A conexão entre museus e conhecimento interdisciplinar ocorre intrinsecamente pelo exercício do saber-fazer museológico, visto que a Museologia se operacionaliza por intermédio de uma cadeia complexa de ações de salvaguarda e de comunicação patrimoniais. Aquela se desdobra em documentação e conservação, que podem envolver conhecimentos (e profissionais) oriundos de áreas como Restauração, Ciências da Informação, Química, Biologia, Informática, Audiovisual, além dos profissionais ligados ao campo específico do acervo. A comunicação envolve expografia e ação educativo-cultural, que por sua vez remetem a uma articulação de conhecimentos ligados a Arquitetura, Cenografia, Comunicação Visual, Pedagogia, Avaliação, e, mais uma vez, da área básica ligada às referências patrimoniais que serão comunicadas.

Além destas disciplinas envolvidas nas ações da cadeia operatória museológica e na pesquisa e produção do conhecimento a partir dos acervos, há todo um âmbito da gestão do museu que envolve Administração, Recursos Humanos, Economia, Direito e outros campos do conhecimento.

Se, por um lado, a formação museológica em nível de pós-graduação permite acrescentar a estas áreas básicas o saber museológico, a formação em nível de graduação nos desafia a apresentar este universo amplo sem perder a especificidade da Museologia e sem ser raso nas abordagens das disciplinas afins, permitindo ao aluno em formação compreender seu papel específico na equipe interdisciplinar e escolher em que área da Museologia deseja se especializar. Da mesma forma, é importante que os estudos de cultura material, de educação para o patrimônio, e de comunicação / educação em museus apareça na formação profissional de áreas que produzem conhecimento a partir da formação de coleções (como Etnologia, Arqueologia e Botânica, para citar apenas algumas) e de História, pela íntima relação com os museus já explicitada: “*Falar da ‘História tornada matéria’ é uma das maneiras possíveis de começar a falar em museus*” (BITTENCOURT, 2003: 152). Dito de outra maneira, a formação em História, tanto em Bacharelado como em Licenciatura, precisa também incorporar a idéia de que falar de museus é uma maneira de falar de História, compreendê-la e ensiná-la.

Analisando avanços, retrocessos e desafios na relação entre Museologia e estudos de cultura material, Cristina Bruno aponta a gravidade desta lacuna:

“Em um primeiro momento, verificamos que o abandono dos cursos de formação profissional, como por exemplo, em Antropologia,

Arqueologia, História, Sociologia, entre outros, em relação à importância dos estudos de cultura material e, especialmente, no que tange aos princípios e práticas inerentes ao processo curatorial, tem legado novas gerações descomprometidas e despreparadas para o exercício e consolidação de cadeias operatórias de procedimentos técnicos e científicos relativos à salvaguarda e comunicação das coleções museológicas, fragilizando a atuação das instituições.”
(BRUNO, 2009: 22)

Pensamos que a Museologia seja uma apenas, ainda que com importantes vagas/ondas de renovação. A especificidade da ação preservacionista, voltada para a salvaguarda e comunicação das referências patrimoniais é o que diferencia de outras áreas do conhecimento e dá unidade aos diferentes modelos de aplicação. Outra característica é sempre lançar mão de conhecimentos de diversos campos do saber. Varine-Bohan (*in* DESVALLÉES, 1992: 64-65), ao propor a formação para profissionais de museus adequados para servirem ao desenvolvimento do homem apresenta três domínios principais cuja articulação permitirá à Museologia preparar profissionais em sintonia com essa demanda:

- Antropologia Social e Cultural, Sociologia, Psicologia, Economia (aplicadas aos problemas nacionais e locais de desenvolvimento);
- Estudos de metodologia (do trabalho multidisciplinar, das comunicações de massa, da pedagogia, das pesquisas de avaliação);
- Elaboração de técnicas de desenvolvimento adaptadas ao caráter específico do museu.

Na Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) surgiu a idéia traduzida como a de um museu integral. Entretanto, por não ser possível musealizar tudo, por serem indissociáveis memória, museu e seleção, a reflexão museológica internacional vem questionando este conceito e se aproximando do museu integrado, sugerido em 1992, em Caracas. Ao invés da pretensão de totalidade, a viabilização da integração. No plano prático, esta posição conduz aos museus interdisciplinares devido à integração: entre diferentes vertentes patrimoniais – conseqüentemente de disciplinas e de profissionais; entre diversas atividades e setores das instituições museológicas; entre as comunidades e os museus.

Partindo das mesmas premissas, o museu concebido por Desvallées é necessariamente interdisciplinar:

“Ce musée présente tout en fonction de l’homme: son environnement, ses croyances, ses activités, de la plus élémentaire à la plus complexe.

Le point focal du musée n'est plus l' 'artefact' mais l'Homme dans sa plénitude"¹. DESVALLÉES (1992: 59)

Por este enfoque amplo sobre o homem, os museus se vinculam inextricavelmente ao conhecimento interdisciplinar. Hernández-Hernández, já citada, foi feliz em afirmar a característica desejada do discurso museológico como aberto, plural, diversificado, multilíngüe e multifacetado, pois deve seguir a experiência das diferentes sociedades que formam a história da humanidade.

Para Waldisa Rússio (1981) o museu se refere ao homem e à vida, e para dar conta desta complexidade precisa lançar mão do conhecimento integrado que a extrema especialização precisou separar. Alguns cursos de graduação em História ainda não possuem disciplinas voltadas para a memória e o patrimônio ou, mais precisamente, os museus. Os estudos de cultura material, principalmente, não ocupam o espaço devido nas grades curriculares, os historiadores necessitam olhar com atenção este possível campo de exercício profissional.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Ensaios de teoria da História. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

BITTENCOURT, José Neves. "Cada coisa em seu lugar: ensaio de interpretação do discurso de um museu de História". In: **Anais do Museu Paulista**, ano/vol. 8/9, número 9. São Paulo: Museu Paulista / USP, 2003. p. 151-176.

BITTENCOURT, José Neves. **Cultura material, museus e História**: algumas considerações sobre um debate que não é tão intenso quanto deveria ser... In: <http://www.ifcs.ufrj.br/humanas/0029.htm>, acesso em 05/10/2009.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUNO, Cristina. "Museologia: algumas idéias para a sua organização disciplinar" in BRUNO, Cristina. **Museologia e comunicação**. Lisboa: ULHT, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia, n. 9). p. 09-38.

¹ Tradução livre: "Este museu apresenta tudo em função do homem: seu meio ambiente, suas crenças, suas atividades, da mais simples à mais complexa. O ponto focal do museu não é o artefato, mas o Homem, em sua plenitude."

BRUNO, Cristina. “Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória”. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (org.). **As Várias Faces do Patrimônio**. Santa Maria: Pallotti, 2006. p. 119-140.

BRUNO, Cristina. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Márcio F. (Orgs.) **Cultura material e patrimônio da ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, 2009. (Livro eletrônico)

BRUNO, Maria Cristina Oliveira e OLIVEIRA, Josiane Roza. “Entrevista. O trabalho com o abandono: entrevista com a museóloga Maria Cristina Oliveira Bruno”. In: **Cadernos do Ceom**, Ano 18 nº 21. Museus: pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó: Argos, 2005. p. 303-336.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. **Ondas do Pensamento Museológico Brasileiro**. Lisboa: ULHT, 2003. (Cadernos de Sociomuseologia, 20). 259 p.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Museus e conhecimento interdisciplinar”. In: <http://www.revistamuseu.com.br>, acesso em 05/10/2009. **Revista Museu**, v. 1, p. 1, 2009.

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Cultura material: interfaces disciplinares da Arqueologia e da Museologia”. In: **Cadernos do CEOM**, Ano 18 nº 21. Museus: pesquisa, acervo, comunicação. Chapecó: Argos, 2005. p. 75-90.

CHAGAS, Mário. **Novos rumos da Museologia**. Lisboa: ULHT, 1994. (Cadernos de Sociomuseologia, 2)

DESVALLÉES, André. **Vagues: une anthologie de la nouvelle museologie**. Paris: W M. N. E. S., 1992. Vol. 1.

HERNANDEZ-HERNANDEZ, Francisca. **El discurso museológico y la interpretación crítica de la historia**. In: ICOFOM. Museología e historia: un campo del conocimiento. Córdoba, Argentina, 2006. p. 325-333. (ICOFOM Study Series; ISS 35).

JULIÃO, Letícia. “Pesquisa Histórica no Museu”. In: **CADERNO de diretrizes museológicas I**. Brasília: MinC / IPHAN / DEMU, Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura / Superintendência de Museus, 2006. p. 94-105.

RÚSSIO, Waldisa. “L'interdisciplinarité em muséologie”. *Museological* In: **Museological Working Papers/ Documents de Travail Muséologique (MuWoP/DoTraM)**, n. 2, p. 58-59. Stockholm, 1981.

SCHAERER, Martin. **Museología e Historia**. In: ICOFOM. Museología e historia: un campo del conocimiento. Córdoba, Argentina, 2006. p. 39-44. (ICOFOM Study Series; ISS 35).

SOFKA, 1995 apud CERÁVOLO, Suely Moraes. **Delineamentos para uma teoria da Museologia**. Anais do Museu Paulista, v. 12. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004. p. 237-268.

VEREGG, Hildegard K.; GORGAS, Mónica Risnicoff de; SCHILLER, Regina. (eds.). **Museología e historia: un campo del conocimiento**. Munich: Córdoba, Argentina: Museo Nacional Estancia Jesuítica de Alta Gracia y Casa del Virrey Liniers, 2006. 520 p. (ICOFOM Study Series; ISS 35)

Referência da publicação deste texto:

DUARTE CÂNDIDO, Manuelina Maria. “Museus, História e Interdisciplinaridade”. In: CHUVA, Márcia; NORONHA, Antonio Gilberto Ramos (orgs.). **Patrimônio Cultural – políticas e perspectivas de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2012. p. 57-66. ISBN 978-85-7478-424-3